

CHROMATICA:A VIVÊNCIA DO NUMINOSO

Davi Henrique Ambrosino Lins*
psidavi@outlook.com

Edneusa Lima Silva*
evajaom@gmail.com

*Faculdade Sul Fluminense, Volta Redonda, RJ/Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo descrever a jornada da/na heroína presente no álbum de estúdio, Chromatica da cantora Lady Gaga, este disco representa no âmbito simbólico, os passos que, segundo Jung, todas as pessoas realizam durante o processo de individuação (tornar-si-mesmo). O álbum cria diálogos que demonstram como a artista vivenciou seu processo de descoberta pessoal, a identificação das personas em interlocução com a sombra até chegar ao momento numinoso para compreensão de seu lugar no mundo. Foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica e a consulta as letras das músicas que compõem o álbum de música lançado pela cantora no ano de 2020. A leitura do processo segue as bases postuladas por Jung na Psicologia Analítica e demais referenciais sobre a jornada do herói, usando como base a afirmação de que a psique se refere a totalidade de todos os processos psíquicos, tanto conscientes como inconscientes. Possui a função de sistema autorregulador, que procura manter o equilíbrio entre as qualidades opostas, enquanto está constantemente em busca de crescimento, em um processo que Jung chamou de “individuação”. O ego é apenas uma pequena porção do self, no entanto, Jung acreditava que a consciência é seletiva, e o ego é a parte do self que seleciona as informações mais relevantes do ambiente e elege que direção seguir, enquanto o resto da informação mergulha no inconsciente. Observou-se no presente estudo que cada ser é o herói/heroína na/da sua história de vida e, que o vivido pode ser representado e compartilhado durante a jornada em busca de Si-Mesmo.

Palavras-chave: Individuação, Jornada do Herói, Chromatica, Lady Gaga, Resiliência, Numinoso.

1. Introdução

Stefani Joanne Angelina Germanotta, conhecida pelo nome artístico de Lady Gaga, lançou seu sexto álbum de estúdio em 29 de maio de 2020, intitulado “*Chromatica*”. Este álbum representa, simbolicamente, o processo de descoberta particular, entendimento e aceitação de si, vivenciado pela cantora durante sua trajetória pessoal e artística. Foi elaborado para dar sentido aos traumas que se converteram em transtornos psicológicos e alterações comportamentais. Por meio da música as dores e conflitos ganham forma e são compartilhadas com o mundo.

De acordo com a autora o nome Chromatica representa o planeta em que habitou; um mundo de cores, conceitos e normas diferentes da qual vivemos. São apresentadas várias tribos aonde cada uma traz uma mensagem para o público. Tornou-se um lugar confortável funcionando como escudo e escape de

proteção quando vivenciava situações e momentos difíceis. A segurança experimentada lhe deu condição de promover a jornada do herói que acontece no interior de todos nós. O álbum em si é separado em três fases diferentes que se iniciam com prelúdios musicais na qual é representado em como a jornada é entrelaçada.

Chromatica se estrutura enquanto espaço de acolhimento para os traumas, converte-se no eixo curativo em que a heroína inicia seu processo de desenvolvimento/transformação interior. Cada faixa do álbum é selecionada e concebida como uma das etapas da jornada da heroína que representará sua dor e sofrimento por meio da arte musical. Chromatica é a base ou sede utilizada pela cantora, local de refúgio que lhe permite lidar com o vazio existencial. A partir de Chromatica, realidades simbólicas são compartilhadas com o mundo material. Neste espaço criado pela heroína, ela faz contato com os traumas, transformando-os em letras de música que lhe possibilite dançar sobre a dor que habita em seu interior.

A jornada do herói tem por característica o encontro do ego com o Self arquétipo estruturador e integrador da personalidade. Para assumir a função integradora, o Self necessita que seja traçado um caminho e a cada fase superada e compreendida durante a jornada do herói o encontro consigo mesmo acontece e novas configurações emergem. O processo torna a heroína mais consciente de si, pois as dores também se transformam, ficando mais fáceis de conviver.

A cantora nos impressiona em demonstrar os caminhos trilhados que expressam a mudança dos processos psicológicos e experiências pessoais. De acordo com Franz (1969) a jornada do herói é um processo inconsciente e ao mesmo tempo consciente, pois é através de sinais e impulsos que a cantora começará a relacionar e buscar sentimentos que ainda não é reconhecido ou nomeado, a não ser por ela. A partir dos questionamentos frente aos objetivos propostos, é que começam a jornada curativa de/na vida.

Portanto conforme postulado por Jung a jornada do herói constrói a ponte que promove o encontro do ego com o Self. Desse modo, os vínculos com as fronteiras do mundo exterior se deslocarão fornecendo os elementos necessários para o despertar da alma/psiquê.

O ponto central do álbum é a jornada da cantora na trilha da individuação, que a conduzirá ao equilíbrio emocional e psíquico em uma relação harmoniosa com os conteúdos que habitam a sombra. O equilíbrio entre os eixos ego-Self promoverá saúde mental e aceitação do que foi experienciado. Somente após ter coragem suficiente para trilhar esse caminho de auto encontro e desenvolver a resiliência, será possível celebrar a dor, pois a batalha será exitosa e de sucesso.

A artista dialoga com o mundo externo por meio das músicas, utilizando-as para demonstrar como superou seus desafios. Poder olhar para trás e não sofrer mais com o passado é uma forma de lutar pela

vida. A riqueza da jornada, consiste no fato de que pode ser realizada por cada um de nós, sem exceção, não de forma apressada, e sim, com o propósito de atribuir novo sentido para a própria vida.

O objetivo geral deste artigo é identificar no álbum *Chromatica* as diferentes fases descritas na jornada do herói que se materializam no álbum, a fim de compreender as dificuldades e obstáculos presentes no processo de integração da personalidade que permite a manifestação do Self proposto por Carl Gustav Jung.

O presente trabalho utiliza como desenho a pesquisa bibliográfica que aborda a importância dos símbolos, arquétipos e princípios de sublimação para entender a temática discutida. Os dados serão coletados do álbum *Chromatica* produzido pela artista Lady Gaga. A pesquisa é de natureza qualitativa de cunho descritivo-exploratório que permite se aproximar do tema em debate.

Este trabalho foi dividido em três partes, não considerando a introdução do material. A primeira parte da pesquisa abordou a fuga da artista em contato com a realidade compartilhada; a segunda parte se referiu a luta em reconhecer seus medos, desafios e o caminho que se faz necessário na jornada; e a terceira parte conclui com o despertar da artista em seu processo curativo que foi proporcionado, processo este de cura para o encontro com a individuação do self.

2-REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CHROMATICA I: A FUGA

O álbum inicia com a faixa “*Chromatica I*” que é uma orquestra de violinos que introduz o planeta, simbolizando o início da jornada. As cordas são leves, harmônicas, convidativas e traz uma sensação de magia. É o prelúdio para o mundo da fantasia. Em seguida a segunda música intitulada “*Alice*”, aponta como a heroína se sente presa em sua própria mente. O jogo de palavras dito, “Meu nome não é Alice, mas eu vou continuar procurando o mundo das maravilhas” (ALICE. Lady Gaga, 2020). Nessa faixa, conceitua o seu desejo em achar um espaço menos agressivo e que lhe traga conforto mental fora de todo o desconforto que o mundo externo pode oferecer, ela solicita liberdade de sua mente e se indaga onde está o seu próprio corpo, pois se sente presa em sua mente e se pergunta se poderia sair viva disso tudo. Neste momento da jornada podemos identificar o chamado para a jornada do herói, o início do despertar da heroína para a busca de integralização.

[...] Permanecer ou ficar preso no território do numen, seja ele definido como cheio ou vazio, equivaleria a ficar incorporado no inconsciente, o que significa um estado patológico de inflação exaltada, perda dos limites e da integridade do ego, e talvez até a permanência em um estado de psicótica defesa paranoica. Tais “estados de possessão” costumam ser destrutivos para indivíduos e grupos (STEIN, 2020, pp.55-6).

Derivado do latim, numen é a palavra que o teólogo alemão Rudolf Otto, que cunhou o termo numinoso que descreve a experiência do homem com o Sagrado, toda experiência que lhe traz magnificência com o encontro de um fenômeno que fornece mudanças significativas no interior da psique humana. O desejo de Lady Gaga em ter uma realidade alternativa a faz criar o espaço “Chromatica”, que ganha forma na psiquê, pois somente neste lugar estará livre dos seus pesadelos e se expressa realizando uma fuga do real. A ação realizada pela cantora, está em consonância com o que foi proposto por Flournoy (1911) quando este afirma que:

[...] Entre nossa consciência ordinária [ou supraliminar] e nossa consciência latente [ou subliminar] existem alterações e flutuações perpétuas que ocorrem ao longo da fronteira; o nível de separação não é constante; a linha de demarcação não é rígida; não existe um limiar fixo entre essas duas partes do nosso ser; ocorrem fenômenos de osmose entre uma e outra, pois elas se misturam como líquidos de distintas densidades quando o frasco é agitado... Constantemente, também são enviadas mensagens de nossas regiões subliminares à nossa consciência pessoal, carregando com elas, nas mais diversas formas (como automatismos sensoriais), conteúdos dos mais variados valores – alucinações visuais, ideias submersas, emoções, impulsos irracionais etc. (p.46).

Para além do que é dito na letra da canção, entende-se a forma como a artista adequou muitos conteúdos que habitam o arquétipo da sombra e que não foi uma saída satisfatória, certo momento as portas do inconsciente se abrem e esses conteúdos se voltam contra ela mesma, tornando disfuncional a experiência de fuga da cantora.

Segundo Jung (O.C Vol. V) a possibilidade de efetuar transformação e direcionamento da energia libidinal com a qual investe-se os arquétipos, caracteriza a diferença entre sacrifício e a mutilação. Se esta última pode paralisar ou deformar o desenvolvimento, o primeiro permite o direcionamento da energia arquetípica de forma criativa, promovendo a ruptura com o velho para a emergência do novo.

Entende-se a segunda canção como desenvolvimento criativo que a heroína buscou realizar, criando este espaço para se isolar da dor e da memória mnêmica dos seus traumas. Torna inteligível que, neste instante, acontece o primeiro pedido de socorro de uma mente que aprisionou conteúdos que não podem mais ser contidos, e por isso, procuram o direito de expressão, configurando-se como o primeiro passo na direção da homeostase: o primeiro passo na direção do numinoso.

Em sequência temos “Stupid Love” que diz respeito ao amor, tantos nas relações pessoais quanto relacionado aos fãs. Na etapa anterior registra-se a fuga em busca da necessidade de interdição do real em busca do mundo perfeito. No entanto, essa fase marca o encontro entre ego e sombra, que possui como exigência traçar a rota para que a jornada obtenha êxito.

Neste momento da jornada temos o início da recusa do chamado, passo legítimo durante o processo de individuação e aceitação da missão. Essa ação representa a decisão de abrir os elos da corrente construída pelo ego, para continuar o caminho. A heroína percebeu que depositava sua esperança no amor que havia doado a aqueles a quem socorria, no entanto, a jornada somente poderia ser feita por ela mesma. Em partes da música vista o diálogo consigo mesma:

“[...] Você é aquele por quem eu tenho esperado, preciso parar com esse choro, ninguém vai me curar se eu não abrir a porta. É meio difícil de acreditar. Preciso ter fé em mim... Agora é hora de me libertar da corrente. Eu preciso encontrar aquela paz, é tarde demais? Ou este amor poderia me proteger da dor? Eu batalharia por você... Eu quero o seu amor estúpido.” (STUPID LOVE. Lady Gaga, 2020).

Após a vivência de negação, que possui como referência o medo do retorno dos traumas, já que está segura no mundo que criou, reconhece que precisa aceitar o meio em que vive, as pessoas que nele habitam, as dores e o sofrimento que as situações da existência lhe trouxeram. A aceitação servirá como ferramenta para estabelecer contato com o real, fortalecida pela fé que deve acompanhar a retomada do caminho e da caminhada.

No próximo passo temos “RainOn Me” que representa a “celebração de todas as lágrimas” dita pela cantora na entrevista que realizou com Zane Lowe antes do álbum ser lançado. Nesta mesma entrevista a cantora enfatiza:

“RainOn Me é como uma analogia de lágrimas sendo a chuva... também é uma metáfora para quantidade de bebida que eu estava bebendo para entorpecer a mim mesma. "Eu prefiro estar seca (por não estar bebendo, mas ainda não morri, ainda estou viva) então, Chova Em Mim (...)” (RAIN ON ME. Lady Gaga, 2020).

A música foi criada para representar a relação da cantora com o álcool, o que faz menção ao éter, para Moraes(1996), o akasha, palavra em sânscrito que significa céu ou éter da cosmologia, contém toda a história não só da humanidade, seu passado, presente e futuro, como da própria origem da terra, definindo-se tal qual o inconsciente coletivo junguiano, presente em sonhos, produções artísticas, mitos e lendas. Nessa música, Lady Gaga faz parceria com Ariana Grande, que vivenciou um episódio traumático em seu show em 2017, quando houve uma tentativa de terrorismo em Manchester EUA, deixando 22 mortos. Após esse evento Ariana passou por um período de sofrimento pessoal o que culminou a parceria das cantoras, aonde as duas então nesta canção celebram sua resiliência a cada episódio diferente de suas vidas.

Frente à similaridade das experiências traumáticas, Lady Gaga realizou o convite para que ambas pudessem ressignificar o vivido nessa canção. Tratava-se de demonstrar que eventos traumáticos, constituem a nossa história de vida, modelando ações e orientando decisões. A letra da música fala da

superação e do aprendizado. A canção não é sobre romantizar a dor e muito menos sobre menosprezar nossos traumas, mas de aprender junto com eles e não sair desses eventos se sentindo culpados e/ou com mágoas todas as vezes que certos gatilhos os ativam.

“RainOn Me” é sobre deixar-se molhar e dançar sob a chuva, apesar de prevalecer o desejo de permanecer seco, evitar a chuva ou de se esconder dela. A mensagem é para aprender a dançar sob ela e celebrar suas lágrimas. É uma canção feita para agradecer o ato de viver e de estar vivo. E se for para viver, que seja com bravura e não com medo do que a existência nos ofertará. “*RainOn Me* reverência a resiliência e o ato de resistir.

Na quinta música “Free Woman” a heroína faz contato com os conceitos de empoderamento e feminilidade. A canção é permeada pelo seu reconhecimento como uma mulher livre, destemida e assim afirma que “essa é a minha pista de dança pela qual eu lutei... É para isso que estou vivendo” (FREE WOMAN. Lady Gaga, 2020). Para compor a música, compreendeu que não precisa de uma figura masculina ao seu lado para ser uma mulher livre ou se sentir amada de forma completa. Tem a si mesma. Após ser capaz de celebrar suas lágrimas, ilumina-se com o amor que nutre por si mesma, potencializando a força interna que lhe diz ser possível se amar e continuar lutando pelo que acredita.

Trazer a dimensão da consciência o reconhecimento de si; a aceitação de que as dores nos constituem e ser capaz de reler o que foi vivido sinaliza que o primeiro limiar está em fase de conclusão, Vogler (2006) afirma que: [...] ao efetuar a Travessia do Primeiro Limiar, enfrenta-se as consequências de lidar com o problema ou o desafio apresentado pelo Chamado à Aventura. Este é o momento em que a história decola e a aventura realmente se inicia (p.40).

No álbum, em “Fun Tonight” a última música do primeiro dos três atos, surge a reflexão sobre a relação da cantora com a depressão e um relacionamento que se baseava em apenas viver os momentos de fama ela poderia proporcionar, traduz sua vida em que não se sentia feliz. Em sua entrevista com Zane Lowe ela diz:

"Essa canção é muito importante para mim. Por muitas noites as pessoas que me amavam tentavam me fazer sorrir ou dar risada e ser otimista, mas eu simplesmente não conseguia, não tinha habilidade nenhuma para estar feliz" Lady Gaga, 2020.

Na música encontramos: “Não consigo enxergar direito, não consigo me ver. Há muita dor presa no caminho. Gostaria de poder ser o que sei que sou... Eu encaro a garota no espelho, ela fala comigo também. Sim, eu posso ver no seu rosto, você não acha que eu fiz minha parte. Talvez seja a hora de dizermos adeus, porque estou me sentindo do jeito que eu me sinto com você. Eu não estou me divertindo esta noite” (FUN TONIGHT. Lady Gaga, 2020).

Podemos identificar o cansaço da heroína em sempre responder as expectativas do público e como isso atrapalha no seu desenvolvimento pessoal e a preocupação com a ruptura da persona que a mídia sacralizou. Ao falar sobre a queda da persona, Stein (2020) declara que:

[...]uma persona bem construída é uma vantagem evidente para propósitos práticos de sobrevivência e sucesso social – esse não é, sem dúvidas nenhuma, o objetivo da individuação. Trata-se apenas de um ponto de parada para então iniciar o processo de individuação (p.26).

Gaga, afirma que a garota que vê no espelho, fala com ela, representando o encontro com a persona subjugada (o si-mesmo) e enclausurada pelo ego que impede que o encontro com o Self se consolide. As personas são flexíveis, modificam-se e são trocadas a todo instante. Jung ao citar a individuação, expõe que é “O processo psicológico da individuação que está intimamente vinculado à assim chamada função transcendente...” (JUNG, 2009, § 854). Portanto, ao final do primeiro ato, uma nova etapa da jornada tem início.

2.2CHROMATICA II: A LUTA

Após a heroína aceitar o chamado para a jornada, desvela-se o campo de batalha. Diferente de outras histórias a luta que a artista viveu não foi com animais ou seres fantásticos, e sim, com ela mesma. Os monstros que serão derrotados habitam o mundo que precisou ser distorcido para que a dor fosse assimilada e a convivência se tornasse possível. O segundo ato se inicia com uma faixa de cordas apresentando um novo caminho que antes tinha um ar de magia, pois agora transmite o medo e leve angústia fazendo sua ligação com a música “911”, o nome da música é uma analogia com o número de emergência dos EUA, significando o pedido de ajuda para com ela mesma.

É nítido na letra da música que alucinações, transtornos psicóticos, mudança de humor e sua relação com psicofármacos é algo rotineiro em sua vida. Em 911, a cantora se depara com o mundo distorcido e criado ao seu próprio favor para fugir de toda dor que previa sentir futuramente, ela enfatiza que sua maior inimiga é ela mesma.

“Aumentando as sombras emocionais. Continuo repetindo frases de ódio próprio. Já cansei dessas vozes. É como se eu quase não tivesse escolha. Esta é a estagnação biológica. Meu humor está mudando para lugares maníacos. Queria ter rido e mantido as boas amizades. Veja vida, aí vou eu novamente. Não me consigo ver chorar. Minha maior inimiga sou eu, tomo o 911 (190). Guardo minhas bonecas dentro de caixas de diamantes. Guardo-as até que eu saiba que vou deixar esse fingimento que construí em volta de mim, oásis. O paraíso em minhas mãos. Apegando-me tanto a este status. Não é real, mas eu vou tentar agarrá-lo. Mantendo-me em lugares lindos. O paraíso em minhas mãos.” (911, Lady Gaga, 2020).

A canção é permeada de autorrelatos da cantora, narrando os episódios psicóticos, os delírios e a aversão pelas ações e decisões que foram tomadas quando as cicatrizes voltavam a sangrar, ou quando experiências de dor eram os gatilhos que acionavam lembranças e memórias, mostrando-lhe o quanto era/estava vulnerável aos fatos que a constituíram durante a construção da identidade e personalidade. No videoclipe para a mesma música a cantora mostra todo esse processo mental para o público, em um enredo teatral todo este processo ganha uma forma assustadora e fascinante de como sua mente funciona.

Para Stein (2020):

Fronteiras e limites, devemos reconhecer, é algo básico para a percepção humana, e sua criação e estabilidade relativa são necessárias para um funcionamento consciente elementar. Mas fronteiras rígidas também criam problemas. Elas atuam como viseiras... A individuação requer um espaço flexível porque a intervenção com o “outro” é essencial (STEIN, 2020, p. 135).

Portanto, entende-se que o mundo abstrato que em primeiro momento era um mecanismo de defesa saudável se tornou algo de práxis negativa, entre o material e o midiático as fronteiras com o real ficaram ocultas tornando-se rígidas e sem diálogo puro.

A cantora narra na letra da música 911, que na caixa de diamantes são guardadas suas bonecas, alusão criada para suas pílulas antipsicóticas, o paraíso se encontra em suas mãos, seus remédios se tornam a salvação de lugares maníacos e perturbadores, por mais que seja admirável se agarrar e manter-se em lugares em que a realidade é distorcida, sua mente é o pior lugar para se isolar e viver, se tornando sua maior inimiga. Toda jornada existe o monstro em que o herói ou heroína terá que enfrentar, neste caso sua inimiga é si mesmo como descrito. Assim como na segunda canção “Alice”, cita a prisão mental e o seu desejo de libertar-se. Sua sombra é confrontada e Stefani Joanne Angelina Germanotta, opta por utilizar esse momento para reassumir o controle de sua vida, a fim de retornar ao convívio consigo mesma e dar voz a garota que falava com ela pelo espelho.

No passo seguinte, presa nos dissabores da/jornada a heroína vai estabelecendo distinção entre sua identidade real com a que foi criada para os fãs, em “Plastic Doll”, reconhece que era refém da fama, pois não tinha controle sobre o modo de se vestir, comportar, sentir e viver, afirmando que apesar da quantidade de pessoas, estava sempre sozinha.

A partir dessa reflexão inicia a construção de limites (fronteiras) que lhe permitam o contato com Self. Em “SourCandy”, demonstra a confiança que desenvolveu quanto ao controle das emoções pelo fato de sentir amada. Expressa nessa música o resgate da autoestima e ao invés da luta entre ego-self dialoga e acolhe a sombra. Pactua e estabelece um pacto com as diferentes dimensões da psique e dos conteúdos que povoam o inconsciente coletivo e pessoal.

“Enigma” é a canção utilizada para expressar a dificuldade da cantora em abandonar Chromatica (planeta que lhe dá segurança) e que lhe permite vencer as batalhas que trava entre o mundo interno e externo, permitindo-se a reconexão. A musicista retorna à Chromatica utilizando a Imaginação Ativa postulada por Jung para que possa levar uma mensagem a este mundo em forma de despedida, na letra faz alusão aos palcos como a luz violeta e os olhos de dragões como os telespectadores que ali ficam observando-a, que representa o arquétipo da Deusa no ato de respirar (performar). Neste breve retorno de forma consciente, afirma que não pretende abandonar para sempre este lugar e que poderá voltar para encontrá-los mesmo que seja por uma noite, mas que precisaria retomar ao mundo real, expondo-se a novos desafios em busca de comprovar a força das decisões recém adquiridas:

“Minha mente está aberta e estou tão cega. A luz violeta mancha a atmosfera. Estou com tanto medo, mas estou aqui. O que estou vendo é real, ou é apenas um sinal? É tudo virtual? Nós poderíamos ser amantes, mesmo que por esta noite. Poderíamos ser qualquer coisa que você quisesse. Nós poderíamos ser os *jokers* trazendo a luz do dia. Poderíamos quebrar todo o nosso estigma. Eu serei o seu enigma. Os olhos do dragão observam a deusa respirando. Me dê algo para acreditar. Você escutou o que eu disse? Está tudo na minha cabeça?” (ENIGMA. Lady Gaga, 2020).

Vivenciada a segunda provação, a heroína se vê como vencedora de uma jornada psíquica altamente perigosa, pois em jogo estava sua própria vida e existência. Talvez seja essa a provação mais forte que ela tenha vivido e ainda vive quando certos gatilhos são acionados. No entanto, se encontrar salva e segura de si própria é a motivação para que possa não mais se temer e continuar determinada na jornada da individuação.

Na canção “Replay”, a cantora desloca para o nível da consciência o trauma que foi companhia constante em sua vida, consumindo-a interna e externamente as relações que estabeleceu consigo mesma e com as pessoas com quem se relacionou o transtorno de estresse Pós-traumático (TEPT), na canção a mesma questiona e pontua:

“Eu ainda estou viva? Onde estou? Eu choro. Quem foi que puxou o gatilho, você ou eu? Estou completamente entorpecida, por que está agindo como idiota? Eu não irei me culpar, porque nós dois sabemos que foi você. Eu não sei o que fazer, eu não sei o que dizer. As cicatrizes na minha mente estão no replay. O monstro dentro de você está me torturando. Todos esses monstros estão me torturando. As cicatrizes na minha mente estão no replay, replay... Todos esses monstros estão me torturando. Todo dia eu cavo uma cova e me sento dentro dela, me perguntando como irei me comportar. É um jogo que eu jogo, e odeio dizer que você é a pior e a melhor coisa que já aconteceu comigo. Psicologicamente, é algo que não consigo explicar. Arranho minhas unhas na areia para me puxar para fora. Isso importa? O estrago está feito, você estava com a arma.” (REPLAY. Lady Gaga, 2020).

Percebe-se que o processo de libertação das correntes de sua própria mente vem se dissipando, se antes estava presa e não conseguia sentir o próprio corpo agora em diante conseguiu obter a relação do despertar. “Replay” é descrito sua narrativa sendo como um transtorno presente na sua vida real, ocasionado por um estupro que foi sofrido no início da carreira. Chromatica certamente é o seu álbum mais pessoal, pois ao despir ao universo como se relaciona com sua mente e seus maiores medos e convive com todos os seus traumas, pode ser um trocadilho com “Traumática”, no entanto a artista prefere fomentar o lado em que as Cores podem elevar ela ao mundo mais surreal criativo e imaginativo de se viver e se relacionar com esses enredos mentais.

2.3CHROMATICA III: O DESPERTAR

Inicia-se o terceiro e último ato com o renascimento da heroína. Após todos os encontros a cantora realiza a jornada deixando sinais de que se sentiu motivada a continuar em frente e não desistir de si mesma. Reassume a sua vida artística, atribuindo-lhe novos valores e significado. Ao descrever os passos na Jornada do Herói, Vogler (2006) afirma que o herói/heroína:

[...] No passo 11, cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência. No passo 12, chega-se então o momento do retorno com o Elixir, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum. “Pode ser um grande tesouro ou pode, simplesmente, ser um conhecimento ou experiência que algum dia poderá ser útil à comunidade”. (p.145).

Para o último ato, o disco conduz seus fãs ao som de uma orquestra: as cordas são leves, e trazem a sensação de leveza e calma após o prelúdio anterior que passava a sensação de medo e angústia, neste mesmo prelúdio musical é apresentados sons de trovões relâmpagos anunciando como que uma chuva está a caminho (seria esse o momento de dançar sob a chuva novamente e realizando um ritual de batismo, lavando sua alma para uma nova passagem?).

Nesse cenário, Lady Gaga introduz “Sine From Above”, canção que relata a experiência e o que foi aprendido durante sua permanência em Chromatica. Fala do coração curado, da alma sofrida em processo de serenidade e aceitação. Afirma que:

“Quando era eu era jovem, eu rezei por um relâmpago (sinal). Minha mãe disse que ele chegaria e me encontraria. Eu me vi sem uma oração... Sim, eu olhei com meu rosto apontado para o céu, mas não vi nada ali. Eu olhei enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas, mas não havia nada. Eu ouvi um sinal vindo do céu. O sinal se dividiu em dois, o som criou estrelas como eu e você. Antes de existir o amor, existiu o silêncio. Quando eu era jovem, eu me sentia imortal e nem um dia se passou sem uma luta. Eu

vivi meus dias apenas pelas noites. Eu me perdi sob as luzes (do palco). Eu ouvi um sinal e isso curou o meu coração. Curou o meu coração.” (SINE FROM ABOVE, Lady Gaga. 2020)

Todo processo de individuação depende de como a jornada será realizada. A trajetória da heroína nos permite compreender que a cura foi realizada através da música. Esse foi o caminho escolhido para que pudesse encontrar as respostas que procurava. *Sine from Above*, é a canção que expressa sua vivência com o Numens, é a canção que representa o processo curativo e se torna o coração deste álbum. A experiência de cada ser com o divino que o habita só pode ser vivenciada internamente. Contudo, Lady Gaga nos toca a alma quando nos convida a participar da comemoração da jornada exitosa, por meio da música que é compartilhada.

Na entrevista com Zane Lowe, Lady Gaga conversa sobre essa música dizendo:

“[...] espero que eles ouçam esse álbum e atravessem não só a minha jornada pessoal comigo e dançam através da dor, mas que eles passem pelas próprias jornadas e dançam através de suas próprias dores. (GAGA. LADY, 2020).

Consoante com Stein (2020):

[...] Os complexos retardam o processo de individuação, pois força a pessoa enfrentar impasses emocionais... Essa libertação exige uma quantidade significativa de energia, muitas vezes insuflada do exterior. Uma vez livre desse ressentimento, o indivíduo pode amadurecer e reivindicar identidade plena como personalidade criativa (p.125).

Gaga, está livre de seus ressentimentos e essa composição permite à assunção das diferentes personas.

Para explicar que a jornada do herói acontece em seu interior, é oferecido ao público “1000 Doves” na qual clama por liberdade e redenção e abertura de mente para que entenda possíveis mudanças de comportamentos a partir de agora. O nome da canção trás como símbolo as pombas brancas, que representa todo este novo caminho a ser trilhado. Relata que o encontro com si mesma não a torna sagrada e, sim, humana, passível de recaídas, além de precisar empreender novas jornadas em busca de respostas ou de fortalecimento.

“Eu preciso que você me escute, por favor, acredite em mim. Estou completamente solitária, não me julgue. Quando suas lágrimas estiverem caindo, eu irei pegá-las. Eu não sou perfeita ainda, mas continuarei tentando. Porque por dentro, nós somos feitos da mesma coisa. Me levante, me dê um impulso. Porque eu estive voando com braços quebrados... E eu irei voar como mil pombos. Eu farei qualquer coisa para que você realmente me enxergue. Eu sou humana, sangrando de forma invisível. Eu choro mais do que jamais digo. Toda vez, seu amor parece salvar o dia. Eu estive machucada, presa dentro de uma gaiola. Tanto que meu coração está furioso. Se você me ama, então me liberte.” (1000 DOVES, LADY GAGA. 2020).

Na última canção temos a celebração da vida e da jornada concluída, a heroína agora não mais se importa com o que podem dizer sobre sua vida, está destemida e disposta a desenvolver em sua individuação. Comemora o fato de que conseguiu ser maior que os medos que a atravessavam durante a jornada e leva a mensagem ao público para que não desistam de suas vidas, mas que batalhem por elas.

Finaliza o álbum com a música “Babylon” afirmando que foi capaz de lutar por si mesma, sem deixar que os que diziam a seu respeito interferissem ou modificasse sua disposição. É a etapa em que a cantora enfatiza novamente a mensagem principal do álbum que é dançar sobre as suas dores, pois agora todas elas foram superadas e o que nos resta somente é comemorar essa jornada, todas as canções são trazidas com letras de cunho pessoal e explícitas, mas acompanhadas com o ritmo do House Dance que foi difundido nos anos 80, o que complementa o conceito e se encontra em todas as faixas reverenciando-a de forma majestosa:

“Podemos festejar como se fosse à época A.C. Com um sorriso bonito do século XVI. É o que você traz. Ele, você e eu. Isso é fofoca. Desfile, ande uma milha e arrase, no estilo cidade antiga. Batalhe pela sua vida.” (BABYLON, Lady Gaga, 2020) .

Gaga/Stefani conclui sua jornada e inicia novos ciclos. Se expôs e demonstrou sua vulnerabilidade sem medo andando sobre saltos de chifres e facas protegendo o portal de Chromatica como representado na capa do álbum. Apesar da dor não perdeu seu foco, com suas unhas afiadas se machucou batalhando com sua própria sombra. Reergueu-se e, mesmo podendo usar qualquer armadura e escudo, se reconhecendo como híbrida de seus traumas se reconheceu como humana e pessoa vulnerável e fragilizada.

Sobre chegar ao término da jornada, Stein finaliza:

Significa abandonar identificações anteriores e estar aberto à exploração do que é desconhecido e muitas vezes desagradável. Deve também haver uma atitude receptiva para com o “outro estranho” e disposição para envolver-se em diálogo do elemento. Isso requer a integração do elemento estranho em si mesmo – o reprimido, o sombrio o assustador e o esquecido. (STEIN, 2020, p. 176).

3CONSIDERAÇÕES FINAIS

O herói, com seus dons especiais, está representado por personagens míticas, lendárias, históricas, divinas, é a figura redentora e criadora que empreende esforços para solucionar grandes problemas sociais bem como para conseguir transformação e renovação pessoal através da ampliação da consciência.

Para tanto o herói ou heroína desconstrói clichês anatômicos a fim de validar mudanças, corrigir falhas, reparar carências e suprir as necessidades de uma pessoa, de uma comunidade, de uma época. O herói

nasce predestinado para a difícil missão de servir à coletividade e para cujo fim se sacrifica, abandonando velhos padrões existenciais, fundando algo potencialmente novo que revitaliza a tradição. A proposta desse trabalho foi demonstrar que todos podem realizar a jornada em busca de si mesmo, vencendo os medos e fragilidades que o tornam vulnerável e vulnerabilizam sua existência no mundo. Todos são heróis ou heroínas de suas próprias vidas, basta estar disposto a desvelar seus conteúdos mais íntimos, expondo o que lhe vai na alma, que são os conteúdos psíquicos do já foi ou é vivido. Todo processo de individualização não terá um resultado fechado, no entanto, acontece para romper com antigos costumes e prática cristalizadas e vigentes que escravizam e subjagam pessoas e o coletivo. A jornada exige bravura para que o herói/heroína faça contato com os conteúdos mais sombrios, acolhendo-os, a fim de encontrar novas formas de se reconhecer frente ao espelho.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 10. Ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005. CIDADE, Hernâni. Portugal histórico-cultural. Lisboa: Presença, 1985
- DE FARIA, D.L; WAHBA, L.L. Criatividade, Arte e Psicologia Junguiana. Editora CRV, 2017. Curitiba
- ELIADE, Mircea. Mito e Realidade Formas de divulgação. Edições em livro. Mito e realidade · Perspectiva (São Paulo). 1 a. Edição. 1972. Textos derivados.
- FLOURNOY, Spiritism and Psychology (1911), p. 46, citado em Shamdasani, 'Introduction', em: Flournoy, From India to the Planet Mars, p. xvi.
- GAGA, Lady. CHROMATICA. EUA: Interscope Records: 2020. Streamline (43 min).
- JUNG, C. G. O Homem e seus símbolos. 5. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969 316p. Número de Chamada: 159.964.264 J95m. Pp 5.ed.
- JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MORAES, Wesley A., Freud, Jung e Steiner, sondagens da natureza humana. Juiz de Fora: Sociedade Brasileira de Médicos Antroposóficos, 1996.
- MURRAY, Stein. Jung e o Caminho da Individuação: uma introdução concisa. Tradução Euclides Luiz Calloni. — São Paulo : Cul- trix, 2020.
- MÜLLER, Lutz. O herói: A verdadeira jornada do herói e o caminho da individuação. Tradução Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 2017.
- VLOGGER, Christopher 2.ed. A jornada do escritor : estruturas míticas para escritores / Christopher Vogler ; tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. -Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 01.11.2022

Aceito em: 21.10.2022

Endereço para correspondência:
Nome Davi Henrique Ambrosino Lins
email psidavi@outlook.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)